

REPRESENTAÇÕES DE REZADEIRAS: MEMÓRIA DE PRÁTICAS SOCIAIS DE CURA

Jailson de Lucena Gomes

Considerações preliminares

Orar é um modo de interagir com uma gama de sentimentos e valores em termos do imaterial. Cada cultura, cada povo em potencial tem um modo de se manifestar em termos do ato de orar. De certo, a prática de rezar é tão antiga quanto às primeiras comunidades humanas.

Algumas culturas se manifestam com um modo ritual que inclui a dança e a música, outras adotam a sistemática do recolhimento e da meditação como o ideal para estabelecer-se em sintonia com um mundo espiritual.

Podemos observar que rezadeiras ou benzedadeiras são mulheres que desenvolvem atividades com rezas. Para isso, processam conhecimentos adquiridos no cotidiano, em particular com parentes ou amigos próximos, de maneira a buscar estabelecer o equilíbrio físico e espiritual das pessoas que as procuram. Podemos ressaltar também que todas as manifestações evidenciadas dentro de um agrupamento social ou “comunidade” podem ser consideradas cultura ou partes da cultura. Dessa maneira, percebemos uma série de lacunas em termos de definição da cultura, sabendo que ela pode ir do plano material até o infinito imaterial. A partir dessa idéia de cultura indagamos sobre a resistência ao tempo, mesmo diante das transformações científicas e tecnológicas, da atividade das rezadeiras como prática diária e busca de cura para diversos males.

Nesse trabalho objetivamos demonstrar que as práticas discursivas de rezadeiras são representações constitutivas de sua história, manifestadas em termos da cultura. Para atender ao objetivo aqui proposto utilizamos partes dos discursos de três rezadeiras da cidade de Malta - PB para, em termos de análise, demonstrar os seus processos de ritualizações discursivos; representações verbais que dão sustentáculo a uma série de processos de benzeções para a cura. Isso permite inferir outros significados para curas e, por seu turno, queremos entender igualmente, como o trabalho das rezadeiras e a

atividade de suas benzeções são usadas pela população em pleno século XXI.

Essas práticas estão sendo aqui consideradas formas de saber, que a cultura engloba como um conjunto de coisas reais, mesmo admitindo-se que o real possa ser uma forma de saber que não se aprende ou se ensina, mas “existe produzindo efeitos” (Cf. PÊCHEUX, 1990, p.43).

O texto foi pensado em termos de operacionalidade por estabelecer uma série de ancoragens em termos de conceitos e fundamentos da história social e da antropologia que se imbricam com uma teoria do discurso em termos social. Começando por uma noção ampla da cultura e, posteriormente, instaurando-a no seio dos constituintes locais, isto é, do estrato municipal de Malta, faremos uma incursão na teoria do discurso que se manifesta em termos de representação para, então, tratar do estudo do discurso próprio de memória de rezadeiras em práticas de benzeções.

Os discursos estão sendo tratados aqui em termos de contextualizações previamente selecionadas para ilustrar os processos analíticos aqui postos. Esses discursos foram coletados a partir de entrevistas, constituindo gravações específicas das manifestações de sentido de rezadeiras sobre as suas práticas. Assim, foram transcritos não observando os ditames tradicionais da gramática normativa, isto é, do registro formal da ortografia, mas da gramática do uso. E, por sim, em pontos bem singulares, estaremos dando a conhecer as relações entre ciência e saber popular, especialmente, quando o assunto envolve situações de cura.

Linguagem, cultura e as representações práticas das rezas

As questões que rodeiam o imaginário de práticas religiosas discursivas estão apregoadas em manifestações culturais e podem ser tratadas de acordo com o tempo em que se vive, pois “a história que se escreve de maneira consciente e inconsciente está marcada pela época em que se vive” (MONTENEGRO, 1994. p.10). Dessa maneira, devemos de início, situar o termo cultura como um modo de representação e, posteriormente, tratá-lo do ponto de vista de uma comunidade e de preceitos religiosos observados dentro desse agrupamento.

Ancorados nessa ordem de observação poderemos considerar que a idéia de

representação pode ser compreendida como um modo de, através das práticas de linguagem, dar sentido ao mundo. A linguagem é, para Leontiev (1978, p. 172), o elemento generalizador da “experiência da prática sócio-histórica da humanidade”. Assim, aflora o princípio de cooperação por meio da linguagem como garantia à sobrevivência e perpetuação de quaisquer tipos de práticas às gerações futuras. Como código comunicativo essa linguagem é também uma forma de comportamento e, portanto, um modo ritual para o exercício (demonstração) do comportamento verbal. Assim, há de se inferir que em nossas práticas estão manifestas as nossas representações.

Em termos da Psicologia Social, Lane (1985, p. 34) parece considerar que a representação esteja relacionada com “o sentido pessoal que atribuímos aos significados elaborados socialmente”. Benzer poderia ser parte dessa manifestação prática ritualística própria de determinados sujeitos e peculiar aos ditames da cultura.

A partir do exposto poderemos considerar que o que se constitui em termos discursivos altera a nossa percepção em termos de representação e, portanto, em sentido formal de cultura. A linguagem, embora composta por pontos de vista distintos sobre os objetos pensados por sujeitos históricos no mundo, marca um norte em termos de considerações sociais e discursivas para sedimentar a história e a abordagem que fazemos sobre os fatos que a compõem. O discurso das rezadeiras é também a memória de suas práticas inscritas na cultura.

Dado existirem diversos conceitos acerca do termo cultura, podemos observar que, mesmo oferecendo um campo muito amplo de conhecimento, em termos histórico-sociais pode ser “mais do que um conjunto de ‘valores’ que devem ser defendidos ou idéias que devem ser defendidas”. Uma forma de ação atualizada a partir da “conotação de um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social” (CERTEAU, 2008. p.192).

Imbuída de um constitutivo mais sócio-antropológico, Marilena Chauí, em um dos seus conceitos, opina ser a cultura um “conjunto de práticas, comportamentos, ações e instituições pelas quais os humanos se relacionam entre si e com a Natureza e dela se distinguem” (CHAUÍ, 1997, p.295). Esse conjunto de práticas constitui a organização social humana, demonstrada nas transformações discursivas operadas pelos agentes e sua transmissão de geração em geração, em termos de conhecimentos e crenças.

Pode-se verificar que esse conjunto de manifestações culturais conduz (orienta) a maioria de algumas ou várias comunidades, visto que, a antropologia denota o sentido no plural, onde “variam de formação social para formação social” (Op. cit. p.295).

Os padrões culturais, além de amplos, são muito complexos, pois “o termo cultura ocorre em ‘difusão da cultura’, ‘cultura de massa’, ‘política da cultura’ etc.” (CERTEAU, 2008. p.193), onde existem várias acepções em diferentes níveis de profundidade e especificidades. Grosso modo, podemos dizer que são práticas e ações sociais que seguem um padrão determinado no espaço. Englobam, portanto, crenças, comportamentos, valores, instituições, regras morais que permeiam e identifica uma sociedade.

Tudo depende da maneira como está direcionado o termos cultura, verificado e apreendido e, seguramente, como é empregado pelo sujeito do processo. Desse modo, “muitas vezes, a palavra cultura é empregada para indicar o desenvolvimento do indivíduo por meio da educação, da instituição” (LAKATOS, 1990, p.128). Nesse evento, quem adquiriu conhecimento no campo intelectual e artístico seria uma pessoa culta e, conseqüentemente, inculta a que não obteve instrução. É possível expressar que cultura é quase tudo que se evidencia em um determinado grupo.

A cultura é focalizada na maior parte dos grupos como algo intrínseco, e assim, “a cultura compartilhada que determina a possibilidade de sociabilidade nos agrupamentos humanos e dá inteligibilidade aos comportamentos sociais” (Cf. HEBE CASTRO, 1997 apud. CARDOSO, C. F. p.86) que permeia além do “ser”, do “poder”. Tudo está instintivamente ligado e assegurado por determinados fatores que a fazem funcionar e ser repassada. A ordem desse repasse se inicia nos procedimentos de simbolização que instauram as leis das coisas, “a partir do sistema de interdições e obrigações”, que estabelece e atribui valores, sejam elas “(boas, más, perigosas, diabólicas)” (Cf. CHAUI, op. cit. p.294). Podemos falar em termos da instauração da ordem nomeada pela linguagem em sentido de espaço e tempo, de palpável e impalpável, mas perceptível, inclusive, em se tratando de práticas sagradas e profanas. Todos, modos interativos direto ou indiretos de os sujeitos interagirem com múltiplas realidades.

Cultura é, assim, tudo aquilo que é apercebido dentro de um determinado agrupamento social, o que se distingue e se destaca, pode ser demonstrado em quase todos

os moldes e modelos ou compõem regras e segmentos. Torna-se para alguns despercebidos o sem sentido e, para outros, importante, incontestável. A cultura se mostra em determinadas sociedades como algo intrínseco, compartilhando a noção segunda a qual “uma produção social é a condição de uma produção cultural” (CERTEAU, 2008. p.208).

Moldando os vários padrões de comportamentos e, aprendida e partilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, a cultura lhes confere uma identidade que é moldada constantemente, pois “a abordagem discursiva vê a identificação com uma construção, como um processo nunca completado – como algo sempre em processo” (HALL, 2000. p.106). Ela pode ser estática em determinados casos e ativa em outros.

Como constitutivo formal, passaremos a tratar essa noção a partir da comunidade de base na qual as idiossincrasias estarão sendo observadas no discurso da rezadeiras e na ação de suas benzeções.

O discurso de ofício mágico das rezadeiras

O ofício das rezadeiras ou benzedadeiras se associa as práticas pertencentes à cultura interiorana no Brasil. “Elas são vistas como agentes religiosas entre seus clientes, que são provenientes, na maior parte das vezes, do mesmo universo social delas” (SANTOS, 2007. p.15).

No caso particular de Malta – PB, lugar onde realizamos a parte inicial das entrevistas com rezadeiras, as pessoas procuram as benzeções, como afirma Dona Elvira, para vários tipos de enfermidades, que vão desde um quebranto, cobreiro, mau-olhado, erisipela, peito arrotado até a reza para a cura de um animal e outras coisas.

É bem provável que em outras localidades isso aconteça com os mesmo propósitos, já que, como bem nos mostra Nery:

quem quer que percorra os povoados da zona rural, as pequenas cidades do interior ou mesmo as periferias das grandes cidades vai se deparar, em um momento ou outro, com alguns desses nomes que fazem parte de um mundo mágico-religioso, povoado de rezas, crenças, simpatias e benzeções (NERY, p.1).

No município onde o material de referência para o trabalho de investigação foi

coletado o ofício de rezar para a cura, efetivamente, acontece desde tempos passados e se confunde com as histórias da comunidade na qual as rezadeiras estão integradas.

A ação de rezar é repassada como um ofício de geração para geração. Associada à cultura imaterial, como formas tradicionais e populares de cultura, as rezas são transmitidas oralmente (ensinadas) ou herdadas como herança de gestos ritualísticos. Elas compõem as manifestações de credos adotadas por pessoas da comunidade, independente do grau maior ou menor de instrução e da religião que segue. São próprias dos indivíduos em função dos rituais praticados desde a infância.

Assim, como bem ilustra Montenegro (1994) é uma forma de “ representação do passado que predomina na memória coletiva e individual tem uma significativa participação no governo do corpo individual e social” (MONTENEGRO, 1994. p.15).

As nomenclaturas fazem parte do mundo “mágico-religioso”, além de outras doenças que são dadas a conhecer pelas rezadeiras. Assim, Maria Ana da Conceição, de 92 anos (Dona Baia), como é conhecida na localidade, exerce o seu ofício a 69, ela além de nomear as enfermidades já citadas anteriormente, acrescenta algumas até engraçadas, do ponto de vista vocabular, como: espinhela caída (ou vento caído); campaninha torta; dor na cantareira e nas cadeiras; arrotos no peito e muitas outras.

Por sua vez, Dona Elvira, 62 anos, afirma que as pessoas a visitam “também procuram para rezar pra encontrar coisas perdidas, cobreiro, apagar fogo, bicheira de gado”.

Observamos que, em determinadas comunidades podemos concluir que na percepção individual ou coletiva da identidade, a cultura exerce um papel principal para delimitar as diversas personalidades, os padrões de conduta e ainda as características próprias de cada grupo humano, mesmo nos casos de graus de instrução elevados e poder econômico.

No caso da prática e ritualização da reza, acontece uma mistura de “sagrado e profano”, observando as diversas maneiras como elas são aplicadas e os males pelos quais são atribuídas. Diz a tradição que o ato de benzer, ou de curar, é a ritualização das coisas da fé, onde muitas vezes se misturam o sagrado e o profano. Herança dos portugueses que ao chegarem ao Brasil sofreram influências dos índios e, posteriormente, dos africanos, sobretudo as mulheres.

Essas manifestações culturais se expressam de várias maneiras, através da

cultura material, sendo o conjunto de objetos – tecidos, utensílios, ferramentas, adornos, meios de transporte, moradias, armas etc., e a cultura imaterial, todas as formas tradicionais e populares de cultura transmitidas oralmente ou por gestos e manifestada em termos de coisas do imaginário (estórias fantásticas, personagens mágicos e lendas).

Moldando os vários padrões de comportamentos e criando uma ordem simbólica a linguagem, como a condição humana na qual as rezadeiras estão inseridas, se constitui em signos primários, com os quais as resignificações são mantidas nos rituais mágicos de cura.

Como bem ilustra Foucault (1999),

o homem recebe da natureza aquilo com que fazer signos e estes signos lhe servem primeiramente para se entender com os outros homens a fim de escolher aqueles que serão retidos, os valores que se lhes reconhecerá, as regras de seu uso (FOUCAULT, 1999. p.149).

Certamente e reformulam de acordo com as necessidades. No caso da rezadeira, os padrões mágicos impõem um respeito à idiosincrasia especial indo da cura ao patamar mágico da realização de um sonho, um casamento, o fechamento do corpo contra olhado.

As rezadeiras afirmam que os seus dons vêm de Deus e que elas não fazem nada a não ser rezar. Pelo que ficou evidente nas entrevistas algumas rezadeiras atribuem o seu “poder” advindo pela fé e as curas estão postas nos depoimentos dos que se dizem curados no momento da reza. Para Borges (1988, p.47) a história congrega, em termos de presente, passado e futuro uma série de transformações sociais que compõem o acervo de relatos históricos da sociedade, variando conforme a época e a cultura que a mantém.

As suas rezas não têm sentido mágico, mesmo levando em consideração que, as pessoas que se beneficiam de cura, certamente a entendem como dádiva de fé e merecimento. “O modo como cada profissional encaminha a sua benção releva a sua formação religiosa e sua visão de mundo, da qual a sua benção é uma das expressões” (Elda Rizzo de Oliveira. Disponível em <http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br/Arq10.htm>. Acesso em 10 abril. 2010). Para executar essa prática as rezadeiras acionam conhecimentos do catolicismo popular, súplicas e rezas entoadas para dar cabo de uma enfermidade superficial ou de algo mais complexo e, nesse caso, exigindo a volta do paciente por mais

vezes para o efetivo e eficaz benefício da cura.

A representação da reza como cura

“As rezadeiras são mulheres que realizam benzeduras” (SANTOS, 2007. p.15). Para compor o ritual de cura, as rezadeiras podem utilizar vários elementos: ramos verdes, gestos em cruz feitos com a mão direita, agulha, linha, pano e reza, que pode ser ministrada à pessoa ou, com algum objeto do mesmo, atuando em comunidades com conhecimentos geralmente partilhado que foram transmitidos por outros preservando uma tradição histórica.

A maneira com cada rezadeira adquiriu ou aprendeu o ato da reza é singular e restrito ao seu universo experiencial. Podemos observar que esse aprendizado se constituiu por estágios de observação e do ensino por parte de familiar, visto que “o conhecimento particular e especializado de uma rezadeira é transmitido através de parentes próximos que dominavam ou dominam os saberes das rezas: as avós, as mães, as tias etc.” (SANTOS, 2007, p. 15).

Cada rezadeira expressa a sua maneira a importância do seu ato de rezar. Dona Elvira, se coloca como a mais jovem diz:

- “Acho que faz efeito, as pessoas me procuram de muitas parte, tomam conhecimento e vem”.

Em relação as suas rezas, a rezadeira Dona Baia, de 92 anos, em depoimento verbal, o qual transcrevemos literalmente em seguida, diz achar que:

- “São boa, as pessoas vem aqui pedem pra eu rezar e saem satisfeita. Quando o problema não é resolvido na hora, voltam pra agradecer depois”.

Por seu turno, Dona Chiquinha (Francisca da Silva Gomes), de 69 anos, também rezadeira do município de Malta, se imbuí de um discurso de poder próprio, chegando a afirmar que sua reza:

- “É muito importante por que, graças a Deus, eu tenho muito prazer, que quando eu chego, há minha doutorinha, onde tava minha doutorinha, porque graças a Deus fica bom, né”.

É importante observar que essa manifestação pessoal está intimamente

relacionada a um fator sócio-cultural e, antropologicamente considerado em termos do poder de conhecimento atribuído ao ancião. Isto corrobora uma noção tribal a partir da qual o mais velho é detentor de conhecimentos e, portanto, poder.

Quando as mesmas se encontram com alguma enfermidade não procuram outras rezadeiras, algumas vão ao médico, como é o caso de Dona Elvira e outras nem sempre procuram o atendimento “convencional” de saúde, afirmando que não gostam de médicos e ressaltando “assim medico não era doente” (Dona Chiquinha).

As rezadeiras e a manutenção da idiossincrasia

Benzer, no sentido dicionarizado significa, “fazer o sinal da cruz sobre pessoa ou coisa, recitando fórmulas litúrgicas para consagrá-la ao culto divino ou chamar sobre ela o favor do céu, abençoar” (FERREIRA, 2001, p. 96) Como ato a benção é súplica, imploração, pedido insistente aos deuses para que tragam boas novas, produzindo benefícios aos mortais.

Oliveira considera que a benção seja “um veículo que possibilita ao executor estabelecer relações de solidariedade e aliança com os santos, de um lado, com os homens de outro e entre ambos, simultaneamente” (OLIVEIRA, 1985, p. 16). Dessa forma pode-se inferir que elas têm papel significativo no tratamento de diversas doenças e, muitas vezes, os pacientes buscam tanto o médico como elas. De certo, agem de modo complementar as práticas dos profissionais de saúde, quando surgem enfermidades e aflições corporais e morais.

Podemos constatar que a falta de acesso a medicina científica é um agravante que também contribui para priorizar a participação idiossincrática das rezadeiras no município, isso se mostra diante das condições de saúde do município, onde muitos não podem (ou não tem como) ser atendidos, levando-os a procurar a cura através de outros meios.

Isso tudo contribui para manter arraigadas na comunidade certas manifestações pessoais e tradições culturais, comportamentos típicos de determinadas comunidades. Assim sendo, esse ambiente acaba sendo propício para que as idiossincrasias – “maneira própria de ver, sentir, reagir, de cada indivíduo” (FERREIRA, 2001, p.371) – aflorem em

determinadas pessoas e acabem construindo ou ressaltando valores antigos.

Além disso, é importante observar que muitas instituições religiosas de vertente ideológica e culto cristão parecem empregar rituais de cura para restauração dos laços de afetividade do matrimônio, prosperidade, cura de enfermidades físicas e psíquicas, inclusive possessões. São ritos observados a partir dos movimentos pentecostais. E a prática das rezas e benzeções sobrevivem como dado histórico de memória e cultura.

É significativamente importante perceber que essa manifestação idiossincrática figura na sociedade como um dado da cultura, ao que supomos estar internalizada no modo de vida da população. A exemplo disso são os múltiplos anúncios de cartomantes, “professores”, dentre outros, que se anunciam como curandeiros natos e, muitos, até usam programas em canais de rádio ou atendendo em “consultórios”.

Independentemente de suas formações religiosas as mulheres (e, em alguns casos homens) que rezam o fazem como um instrumento de “obrigação”, isto é, uma espécie de ação de caridade e de obediência para com Deus. Desse modo, a sua vinculação a uma religião em particular não se manifesta em termos do que se passa na esfera específica da ação de rezar para a cura de uma enfermidade. O trabalho, por assim dizer, é uma manifestação de sentido que se estabelece em nome de Deus, tão somente.

Observa-se que os rituais são praticamente idênticos - um misto de real com imaginário, onde persiste a idéia da cura através da fé. Também se relacionando com a cultura material, a partir do “conjunto de objetos” utilizados pelas rezadeiras nos seus “rituais” para a prática da cura.

Denotam seu “ofício com uma forma de ajudar as pessoas que necessitam da sua ajuda”, sem que para isso haja nada em troca, criando uma semelhança com a tradição indígena do curandeiro.

Referências Bibliográficas

- BORGES, V. P. **O que é história**. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988;
- CAHUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 6ª. ed. São Paulo: Ática. 1997;
- CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 5ª. ed. Campinas: Papirus, 2008;

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001;
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999;
- HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In. SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000;
- HEBE CASTRO, **História social**, 1997. p.86 IN. CARDOSO, Ciro Flamarion. & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997;
- LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. São Paulo: Nova Cultura/Brasiliense, 1985;
- LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas. 1990;
- LEONTIEV, Aléxis N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978;
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto. 1994;
- NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, crenças, simpatias e benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé**. CUT/MG.
- OLIVEIRA, Elda Rizzo de. - **Eficácia simbólica de cura e razão**. Disponível em <http://www.ipetrans.hpg.ig.com.br/Arq10.htm>. Acesso em 10 de abril. 2010.
- _____ . **O que é benzeção**. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1985;
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP. Ponte, 1990;
- SANTOS, Francimário Vitor dos. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão em crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN**. UFRN. 2007.
- VASCONCELOS, Eymard Mourão. **A medicina e os pobres**. São Pulo. Paulinas, 1987.